

PLURALIDADE PARA CUIDAR DE UM MUNDO EM CRISE: ENTREVISTA COM JO-ANNE DILLABOUGH E DANIELE BASSI, DO HANNAH ARENDT CONSORTIUM (UNIVERSIDADE DE CAMBRIDGE)

Apresentação – Thiago Dias

Em setembro de 2024, aconteceu o evento de lançamento de um novo espaço dedicado à reflexão e inspirado diretamente por Hannah Arendt. Sediado na Universidade de Cambridge, Inglaterra, o *Hannah Arendt Consortium on Crises and Political Transformation*¹ foi fundado com o intuito expresso de compreender o mundo a partir, não apenas do pensamento e dos conceitos arendtianos, mas sobretudo de uma postura arendtiana diante de uma contemporaneidade percebida como “em crise”.

Parece haver uma ênfase, a meu juízo bastante bem-vinda, na pluralidade como ferramenta para enfrentar a crise. Já na composição dos quatro membros fundadores do *Consortium*, oriundos de países e disciplinas acadêmicas bastante distintas entre si, a diversidade se impõe inequivocamente. Jo-Anne Dillabough é canadense, tem formação bastante interdisciplinar e é professora da Faculdade de Educação (Cambridge); Danielle Bassi é italiano, filósofo e pesquisador do *Centro di studi politici Hannah Arendt* sediado em Verona, Itália; Irit Katz é israelense, poetisa e professora da Faculdade de Arquitetura (Cambridge); Zeina al-Azmeh é síria e professora da Faculdade de Sociologia (Cambridge); A entrevista abaixo foi feita com estes dois primeiros.

Esta vocação para a abertura se manifestou também nos dois dias do evento de lançamento, em setembro de 2024, uma vez que congregou, além de ingleses, italianos e este brasileiro que aqui escreve, pesquisadores (e artistas) da Turquia, Síria, Estados Unidos, Chipre, Israel, oriundos de áreas igualmente variadas – filosofia, arquitetura, educação, artes, ciência política, literatura, comunicação, sociologia, história.²

A aparente dispersão do encontro (e talvez do *Consortium* como um todo) é, justamente, apenas aparente, pois as discussões convergiram para isto que tem sido percebido como “crise contemporânea” e foram firmemente conduzidas em *more arendtiano*; ao longo das intervenções e das conversas, uma convergência era perfeitamente visível nas preocupações, no vocabulário, nas referências, na postura teórica. Como se lerá na entrevista abaixo, a diversidade constitutiva do *Consortium* – perceptível já no nome, aliás – é parte de um programa consciente de crítica à burocratização universitária e à alienação ética e política contemporânea – trata-se, assim, de fomento proposital da pluralidade.

¹ O site do *Consortium* está aqui: <https://arendtcentrecambridge.com/about>

² A programação completa do evento pode ser vista aqui: <https://arendtcentrecambridge.com/launch-program>

A entrevista abaixo foi feita com Jo-Anne Dillabough e Daniele Bassi. Ao longo de 2024, gozei de um produtivo período de pesquisa junto ao *Centro Arendt* de Verona, onde tive a felicidade de conhecer Daniele Bassi, que generosamente me acolheu e contribuiu decisivamente para o sucesso da estadia, seja com “pequenas coisas”, como a senha do Wi-fi da universidade, seja me apresentando o *Consortium* em formação. Decidimos realizar esta entrevista ainda durante o evento, mas por razões de agenda ela só aconteceu de fato no dia 03 de julho de 2025.

Tanto minha estadia em Verona quanto a participação do evento em Cambridge foram financiados pela FAPESP, instituição sem a qual esta entrevista e os demais resultados desta mesma pesquisa teriam sido impossíveis.³ Devo agradecer ainda ao IFCH da UNICAMP, onde realizo esta pesquisa, e ao professor Oswaldo Giacóia Jr., que supervisiona meu trabalho com muita gentileza e atenção.

Entrevista

Thiago Dias: Gostaria de começar com algumas perguntas introdutórias. O *Arendt Consortium* foi lançado em setembro de 2024 e, sendo bastante novo, ainda não é conhecido entre nós sul-americanos. Então gostaria de pedir que vocês dois se apresentem brevemente e compartilhem um pouco de sua trajetória acadêmica, especialmente em relação a Hannah Arendt.

Jo-Anne Dillabough: Quem você gostaria que comesse?

Daniele Bassi: Vá em frente, Jo. Você é a chefe [risos].

Dillabough: [risos] Certo. Minha relação com Arendt foi um tanto indireta. Não comecei como uma especialista em Arendt propriamente dita. Fiz um doutorado interdisciplinar — o primeiro doutorado interdisciplinar na minha instituição de origem — em política, sociologia e educação, de modo amplo conectado aos direitos humanos internacionais. Depois de concluir o doutorado, eu estava vivendo em Cambridge e comecei a trabalhar em uma revista chamada *Gender and Education*, voltada, naturalmente, para questões de gênero na educação.

Foi nesse período que encontrei um livro de Bonnie Honig que explorava feminismo e política agonística à luz de Arendt. Esse livro foi o ponto de partida; despertou meu interesse em trazer as ideias de Arendt para meu próprio trabalho transdisciplinar. Naquele momento ainda era mais um

³ O pós-doutorado é financiado pela FAPESP por meio de dois processos: no Brasil, processo 2022/02216-0; na Itália, processo 2023/14044-1.

projeto paralelo, mas que acabou se infiltrando em tudo o que eu fazia. Eu não me relacionava com Arendt diretamente como filósofa ou teórica política, mas sim integrava seu pensamento em conversas mais amplas que já mantinha em diferentes áreas da minha pesquisa. Com o tempo — especialmente nos últimos seis ou sete anos — passei a me dedicar mais deliberadamente a escrever textos conceituais sobre Arendt.

Ao longo da minha carreira, mantive contato com outros estudiosos de Arendt. Quando morava no Canadá, havia poucos colegas trabalhando com ela, mas consegui criar espaços de diálogo. Por exemplo, ministrei um curso aberto a toda a universidade sobre Arendt na Universidade de Toronto, algo bastante inovador à época. Mesmo no Reino Unido, não há muitos pesquisadores dedicados exclusivamente a Arendt; embora alguns sejam bastante proeminentes, não se compara ao cenário europeu. Assim, meu engajamento com sua obra foi mais uma integração gradual; ela foi se tornando cada vez mais central. Durante anos, tentei criar algum tipo de centro ou núcleo formal de pesquisa em Cambridge, mas o sistema acadêmico britânico tende a priorizar pesquisas empíricas que possam gerar financiamento, o que dificultou bastante.

Por fim, conectei-me com Irit Katz e alguns outros. Começamos a nos reunir informalmente para discutir, antes mesmo da chegada de Daniele a Cambridge. Mas foi apenas quando ele e outros colegas italianos se juntaram a nós que realmente acreditei que poderíamos criar o *Consortium*. Eu não teria conseguido fazê-lo sem ele. Tem sido desafiador, sobretudo sem um apoio financeiro substancial no Reino Unido, mas por meio de esforços consistentes e da colaboração acadêmica, o Hannah Arendt *Consortium* foi formado.

Dias: Obrigado, Jo-Anne. Daniele, poderia nos contar sobre sua trajetória acadêmica e como se envolveu com a obra de Arendt?

Bassi: Claro. Meu caminho com Arendt começou durante a graduação em Filosofia na Universidade de Verona. Minha formação é fortemente teórica, e minha orientadora na época foi a professora Olivia Guaraldo. Minha monografia de graduação tratou de Arendt, especificamente do significado político da amizade, em especial em sua interlocução com Lessing.

Depois, segui para o mestrado na Universidade de Bolonha, onde estudei com um renomado especialista italiano em Montesquieu, responsável pela edição de suas obras na Itália ao longo dos últimos cinquenta anos. Minha dissertação de mestrado examinou a relação entre Arendt e Montesquieu, com foco especial na leitura que Arendt faz da teoria de Montesquieu em *Sobre a Revolução*. Essa etapa aprofundou meu engajamento com a questão do poder — se ele poderia ser entendido apenas como dominação e monopólio da violência, como defendia Max Weber, ou se outras visões de poder seriam possíveis.

Durante o doutorado na Universidade de Ferrara, continuei explorando esse tema. Trabalhei sobre a relação entre poder e violência na obra de Arendt e tentei construir uma espécie de genealogia daquilo que ela chamou de outra tradição do pensamento político ocidental — uma tradição na qual o poder não se confunde com a violência. No cerne dessa tradição está a ideia de que o poder pode existir sem monopólio da violência, sem recorrer à lógica da dominação e da obediência coercitiva. Concentrei-me particularmente no ensaio *Sobre a Violência*. Assim, posso dizer que, ao longo desses anos de estudo, trabalhei intensamente com Arendt, especialmente com sua interpretação do poder no quadro de uma crítica política da violência.

Esse tema — o poder como algo distinto da violência — é, a meu ver, um dos pontos teóricos centrais que tornam Arendt particularmente relevante para o nosso tempo, que considero um tempo de crise. Vivemos uma guinada autoritária global e, infelizmente, o paradigma político dominante ainda tende a identificar poder com violência. Arendt, que viveu em tempos profundamente sombrios, foi capaz, ainda assim, de buscar — e escrever sobre — a possibilidade da luz. Acredito que essa é ainda hoje a nossa difícil tarefa, a nossa responsabilidade, e Arendt nos oferece instrumentos críticos e teóricos para cumpri-la.

Dias: O que os inspirou a criar o *Consortium* — não apenas em termos teóricos, mas também como resposta aos desafios contemporâneos do mundo?

Dillabough: Bem, além do que eu vinha explicando sobre os interlocutores e as pessoas que já estavam envolvidas antes da chegada de Daniele a Cambridge, gostaria de dizer que eu vinha trabalhando, havia cerca de sete anos, sobre os conceitos de exílio e apatridia, especialmente em colaboração com acadêmicos, estudantes e outros grupos de pessoas afetadas por guerra, conflito e regimes autoritários. Trabalhei de perto com uma pesquisadora síria, Zeina al-Azmeh, que também integra o *Consortium*. Juntas, buscávamos construir uma estrutura em nível universitário para tratar de como poder, produção de conhecimento e exílio se inter-relacionam. Se pretendíamos levar o trabalho de Daniele sobre poder e violência na direção de como esses conceitos são compreendidos dentro dos regimes autoritários, então tentaríamos examinar o que significam exílio e apatridia sem permitir que as condições normativas dos quadros universitários dessem essa definição.

A forma padrão de pensar histórias de migração é: “vamos pesquisar sobre migração, e os migrantes nos contarão como se sentem sendo migrantes”. Mas nosso objetivo era ultrapassar esse modo muito normativo — e até epistemicamente violento — de conceber os conceitos de apatridia e exílio, e situá-los em um outro campo de reflexão, junto a um grupo de pesquisadores transdisciplinares que buscassem superar a violência dos métodos normativos de pesquisa sobre migração, inspirando-se na noção arendtiana de apatridia em sua relação com a sociologia dos intelectuais em uma era de novos extremos.

Grande parte do trabalho, portanto, nasceu dessa ideia de uma sociologia dos intelectuais: como compreender o exílio; como buscar imaginá-lo em relação à pós-colonialidade e à anticolonialidade, e o papel implicado da universidade na apropriação desse imaginário. Lidamos com tais questões não apenas no interior da universidade, mas sobretudo no âmbito do pensamento. Buscamos formar uma rede de pessoas preocupadas com essas questões, mas que também quisessem trabalhar sobre elas de maneiras distintas.

Portanto, o *Consortium* não trata apenas de Arendt — embora ela seja nossa interlocutora central; trata também de pesquisadores que realizam esse tipo de trabalho, criando um espaço de diálogo no qual pensamos de modo diferente alguns conceitos-chave de Arendt e incentivamos diálogos nesses marcos de novas formas. Assim, trata-se também de articular Arendt a outros pensadores.

Um texto recente em que tenho trabalhado é um diálogo entre Arendt e os anticolonialistas. Estou tentando encontrar maneiras de deslocar a linguagem do exílio, da apatridia e até da construção de um mundo comum para um conjunto um pouco diferente de diálogos e conversas — mas sem perder os argumentos centrais que Arendt apresentou, especialmente em sua ênfase na apatridia e na violência do Estado-nação. Daniele tem toda a razão quando afirma que ela não estava apenas registrando seu tempo com uma linguagem singular. Ela era uma antecipadora de nosso tempo, e essa capacidade de previsão tornou-se hoje essencial para energizar dentro da universidade. Se você observa o que acontece no Reino Unido, verá que a liberdade acadêmica está em declínio e há grande preocupação com a censura, com sérias dúvidas sobre o que constitui “verdade” e com o fechamento de espaços universitários onde estudantes poderiam agir e se engajar em atividades fundamentais para amar o mundo ou proteger o Estado. A maré está virando até mesmo em lugares como o Reino Unido, onde eu jamais imaginaria que a situação pudesse chegar a esse ponto. Então, tudo isso estava por trás da nossa iniciativa.

E gostaria ainda de acrescentar algumas palavras sobre Irit, que pertence à Faculdade de Arquitetura e se interessa muito pela relação que Arendt narra entre fixação territorial, questões de lugar e espaço, e as formas pelas quais isso é compreendido a partir de uma perspectiva arendtiana (mas também de outros teóricos). A abordagem de Irit é bastante singular, muito diferente, mas realmente importante e inovadora.

Dias: Falando sobre a equipe, há também a Zeina al-Azmeh, certo? Se entendi bem, no final do evento de lançamento ela disse que estava prestes a sair, não?

Dillabough: Ah, não! Ela continua conosco! Acho que, à época do evento, ela era *Junior Research Fellow* em um dos *colleges* de Cambridge e agora é professora de Sociologia, trabalhando com o teórico político Patrick Barrett, que supervisionou seu doutorado. Ela atuou por alguns anos no projeto *HE & Crises* [Educação superior e crises].

Bassi: Quanto à equipe, devemos mencionar também Jee Rubin, que tem feito um trabalho incrivelmente criativo nos nossos projetos gráficos e também colabora no nosso trabalho conceitual.

Dias: E em relação a outras instituições com as quais vocês estão conectados? Existe, claro, o *Centro Arendt* de Verona...

Dillabough: Sim. Até agora Verona é a única conexão formal e colaboração que temos. Estamos trabalhando em outras conexões e parcerias para que possamos florescer como uma comunidade transnacional de estudiosos de Arendt (e além). Isso é algo crucial. De fato, parte da razão de termos sobrevivido do modo como sobrevivemos foi termos conseguido financiamento para manter a iniciativa; mas precisamos expandir nossa infraestrutura e estamos realmente tentando fazê-lo.

Dias: Muito bom. Passando agora um pouco aos temas do trabalho do *Consortium*. O centro trabalha sobre três eixos temáticos: “Pluralidade e promessa da política”, “Exílio e apatridia” e “Construção de um mundo comum”. É relativamente fácil ver que todos eles se relacionam diretamente ao pensamento de Arendt. Mas gostaria de ouvir de vocês o que os levou a escolher esses focos, esses eixos, em vez de outros. Ou, para simplificar, vocês poderiam apresentá-los?

Dillabough: Talvez eu fale só um pouquinho e depois passo a palavra ao Daniele, porque ele também esteve envolvido desde o início. Bem, penso que — como mencionei antes, embora tenha me esquecido de citar o primeiro eixo — a ideia com “Exílio e apatridia” e “Construção de um mundo comum” foi lidar com questões críticas que já vínhamos trabalhando como pesquisadores, mas também fazer o que imaginávamos que Arendt faria, ou seja, medir o pulso do nosso momento político. Isso, em si, como um momento conjuntural contemporâneo — na linha de alguém como Stuart Hall, ou até mesmo retomando questões sobre hegemonia em Gramsci — consiste em compreender por que essa realidade está ressurgindo e como podemos responder a ela dentro da universidade. E o ponto de fundo nisso tudo — que não mencionei de início — é que estamos implicados. Enquanto educadores universitários, ou pessoas comprometidas com uma noção de construção de um mundo comum em alguma medida, estamos implicados.

Parecia-me que as coisas estavam se fragmentando e que as respostas das pessoas traziam muitas reminiscências de um momento populista e autoritário anterior: mais distantes da política, mais desinteressadas, mais desligadas, mais indiferentes, mais burocratizadas. E afirmar isso dentro da universidade estava gerando problemas. Os acadêmicos estão tão burocratizados, que até mesmo dizer isso soava “radical”. Mas, para mim, assumir implicação e responsabilidade é parte central do trabalho do *Consortium*.

O outro foco, “Pluralidade e a promessa da política”, buscava lidar com o lado esperançoso da mensagem de Arendt, no sentido de que, se estamos nesse momento, a única maneira de responder a ele — e isso provavelmente foi influência do Daniele — é voltar ao princípio básico da promessa. Tivemos uma conversa há muito tempo, quando ainda estávamos pensando os temas, em que Daniele disse algo sobre a morte da política, de um lado, e a promessa da política, de outro. Essa é a promessa arendtiana. Mas vou parar por aqui, porque Daniele também fez parte dessa cena.

Bassi: Sim. Concordo completamente com Jo. Sobre o motivo pelo qual escolhemos esses temas, posso acrescentar que isso se relaciona ao que eu dizia antes sobre a minha forma de me aproximar de Arendt. Estudar Arendt apenas com perguntas teóricas e filosóficas não é algo muito arendtiano. É uma maneira escolástica de abordá-la, mas é algo com que ela provavelmente não concordaria. Ela nos ensina a pensar sem corrimãos, a fazer exercícios de pensamento político. Acredito que precisamos fazer isso para sermos arendtianos — mesmo para além dos ensaios ou textos arendtianos. E pensamos que esses três temas centrais de alguma forma se alinham às questões que nos permitem ser arendtianos nesse sentido. Esses conceitos nos possibilitam engajar-nos com as crises políticas contemporâneas, não apenas pela teoria, mas também por meio da reflexão ativa e da construção de comunidade. Eles refletem a crença de Arendt na ação e na responsabilidade, especialmente em tempos sombrios.

Dias: No prefácio de *Entre o passado e o futuro*, ela fala sobre a experiência conectando teoria e exercícios. Talvez isso tenha sido uma inspiração para vocês...

Bassi: Sim! Absolutamente sim!

Dias: Agora, outro tema. Parece-me que a interdisciplinaridade é algo importante para o *Consortium*. Ele reúne uma etnógrafa, um filósofo, uma socióloga e uma arquiteta na coordenação, e está sediado em uma faculdade de educação. Que papel a interdisciplinaridade desempenha nesse projeto? Daniele acabou de dizer que a ideia de vocês não é limitar-se a estudos filológicos, o que me faz pensar que a interdisciplinaridade pode aproximar seus exercícios da experiência — já que a vida não se divide em disciplinas. Resumindo, percebo que a interdisciplinaridade é algo importante para o *Consortium*, então gostaria de ouvi-los falar sobre isso.

Dillabough: Há uma explicação teórica, mas, para ser honesta, também há um lado bastante prático. Pessoalmente, eu jamais teria encontrado a obra de Arendt se não tivesse me formado em diferentes disciplinas. E o dilema que enfrentei foi continuar a fazer esse trabalho, mas ver como e onde poderia recorrer aos *insights* de Arendt — que também eram altamente interdisciplinares, se olharmos atentamente para seu *corpus* — para redirecionar o rumo desses campos. Todos os meus diplomas eram, de certo modo, bem distintos entre si, mas o doutorado transdisciplinar foi o que consolidou

esse destino de pensar em um sentido arendtiano fundamentado naquilo que eu hoje chamaria de transdisciplinaridade.

Se você olhasse de fato os estudiosos de sociologia da educação ou aqueles mais teóricos na área de educação, veria um pequeno círculo de pessoas trabalhando com estudos críticos baseados em uma teoria. Mas sempre houve uma espécie de margem global de pessoas como eu, com as quais eu me associava. Michalinos Zembylas, por exemplo, é alguém que fazia algo mais próximo do tipo de coisas que os outros faziam se fossem estudiosos arendtianos da educação.

Gostaria de ouvir a opinião do Daniele sobre isso. Mas, no âmbito da teoria da educação, às vezes a ênfase pode ser diluída, com um foco menos intenso em Arendt, quando você incorpora outros pensadores ou outros tipos de reflexões — especialmente quando se está tentando realizar um projeto simultaneamente. Porque, veja, Arendt lia o mundo a partir de seu próprio arco referencial para identificar “crises” e transformações políticas, mas ela não fazia pesquisa de campo, não coletava dados, não realizava esse tipo de procedimento.

Quero dizer, ela era de fato uma pensadora propriamente dita, que estudava o mundo à sua maneira, como uma espécie de documentarista política, com enorme criatividade intelectual. Mas, em meu campo, ninguém — ou quase ninguém — sobreviveria como esse tipo de pensador sem estar de fato implicado no mundo real. Claro que ela fez pesquisa quando acompanhou os julgamentos, quando observou a situação no Oriente Médio se desenrolar, ela recolheu informações sobre pessoas e processos políticos. Mas era um tipo de atividade muito diferente. Na verdade, ela desconfiava profundamente da pesquisa convencional e tinha grande aversão a muitas organizações de fomento à pesquisa — acabo de escrever sobre isso a partir de trabalhos em arquivo —, chamando-as de “*scientific brain trusters*”, isto é, pessoas que financiavam pesquisadores para realizar coisas como estudos sobre motivação humana, pesquisas com animais e pesquisas sobre violência, em que o cientificismo tratava os seres humanos como uma espécie qualquer. Acho que todo aquele grupo de pessoas interessadas em Arendt estava, de certo modo, preso e dividido entre fazer uma coisa ou outra e, consequentemente, surgiu essa reflexão transdisciplinar.

Por outro lado, havia em mim uma parte que observava o que acontecia em outros círculos arendtianos e pensava: “os arendtianos provavelmente precisam de um pouco de transdisciplinaridade”. Eu não pensava que seríamos nós a fazê-lo. Apenas percebia que alguns dos círculos mais fechados sobre Arendt poderiam se beneficiar dessas conversas. Não porque fossem estudiosos ruins, mas simplesmente porque existe o risco de que alguns problemas que nos afetam hoje, em meio à ascensão do populismo e do autoritarismo, sejam de fato diferentes do tempo de Arendt — mesmo havendo semelhanças. E precisamos de pensadores transdisciplinares para enfrentar essas complexidades. Não quero dizer que os princípios constitutivos sejam radicalmente

diferentes, mas o mundo mudou; e é preciso pensar que tipo de pensadores podem expandir o enquadramento no qual Arendt vinha sendo estudada. Isso já está acontecendo, e foi em parte o que nos fez pensar que seria útil seguir por esse caminho.

Um outro motivo real é que, se queremos reunir pensadores de diferentes tipos para refletirem sobre a noção de implicação, precisamos de diversidade de pensadores. Isso se encaixa, na verdade, na própria ideia arendtiana de pluralidade como forma de vida. Precisamos de pensadores com orientação plural, que pensem “sem corrimãos”, não de pensadores individuais que busquem universalizar o mundo como uma forma hegemônica, nos moldes da expansão europeia — algo de que Arendt foi profundamente crítica.

Se você simplesmente pegar a palavra “disciplina” e fizer sua etimologia ou genealogia, o argumento poderia ser de que somos disciplinados a pensar de uma maneira muito particular. E a razão pela qual outros tipos de pensadores são importantes é porque eles nos forçam a sair desses enquadramentos normativos e a buscar novas formas de avançar — novamente nesse sentido plural.

Dias: Agora gostaria de ouvir de vocês sobre as atividades que já desenvolveram. Sei que houve o evento de lançamento — do qual tive a felicidade de participar — e vi que houve um *workshop* em março passado.

Dillabough: Desde o lançamento do *Consortium*, com Bonnie Honig, parte das equipes de Cambridge e Verona, bem como outros parceiros, tivemos um *workshop* em Cambridge. Tenho certeza de que o Daniele lembrará melhor do tema agora, mas acho que trabalhávamos com um conceito mais geral. A Zeina liderou o aspecto temático, e tratava-se de *exílio e além*, *Arendt e além*. Penso que essas eram as ideias centrais.

Organizamos o *workshop* de modo que as pessoas não estivessem apenas utilizando Arendt como pensadora, mas colocando-a em diálogo com outras coisas. Acho que houve alguns outros detalhes que posso estar esquecendo, mas queríamos que fosse um workshop pequeno. Nosso objetivo era reunir pessoas tanto da universidade quanto de fora, ocupando posições muito diversas. Queríamos não apenas “grandes nomes”, mas também pessoas interessadas em Arendt e que desejassem falar sobre ela, vindas de todos os níveis da universidade, inclusive estudantes de graduação. Então tivemos estudantes de graduação no grupo — o que foi excelente —, além de pós-graduandos e professores seniores. Foi pequeno; apenas um dia.

Agora estamos em processo de planejamento, porque o próximo passo é organizar outro evento em Cambridge. Desde então, várias pessoas nos procuraram pedindo para participar ou para serem incluídas em uma lista para o próximo conjunto de atividades.

Outra coisa que estamos planejando é um tipo de *workshop* online de leitura. Esse é um de nossos objetivos. Esperamos conseguir realizá-lo até setembro. Será algo grande, porque será importante para fortalecermos nossas relações internas, de modo a podermos organizar eventos em diferentes lugares. Vamos usá-lo como outro elemento central.

E o próximo passo, sobre o qual ainda aguardamos retorno — e não tive oportunidade de contar isso ao Daniele — é que estamos tentando abrir conversas com o conselho municipal. Quando estivemos recentemente na conferência do Daniele, em Verona, o pessoal do Bard College e alguns outros colegas que já realizaram essa experiência organizaram um *workshop* sobre conselhos de cidadãos... Ou conselhos cívicos?

Bassi: Assembleias de cidadãos.

Dillabough: Isso! Assembleias de cidadãos. Tivemos uma conversa, tanto antes quanto depois da minha ida, sobre fazer algo semelhante em Cambridge. Isso porque havíamos, de certo modo, feito a promessa de realizar um evento público com a cidade a cada ano, de modo a não ficarmos restritos às universidades.

Bassi: E apenas para acrescentar algo: o *Consortium* foi parceiro oficial da conferência em Verona. E exatamente como o Arendt Center do Bard College, não se tratou apenas de uma parceria formal, mas de algo mais profundo entre essas instituições arendtianas.

Sou membro de Cambridge e de Verona, e me preocupo particularmente com essa relação. Penso que ela é perfeitamente relevante em relação ao que dissemos nesta entrevista sobre a expansão de uma comunidade de estudiosos de Arendt — mas não arendtianos em sentido estrito. Queremos colaborar com pessoas engajadas, a partir de uma perspectiva multidisciplinar, em questões políticas contemporâneas.

Portanto, creio que apoiar eventos e iniciativas de outros centros ao redor do mundo é uma boa prática, e continuaremos nesse caminho. Esta entrevista para os *Cadernos Arendt*, por exemplo, é algo excelente, e qualquer outra atividade com a comunidade arendtiana no Brasil, ou na América do Sul em geral, seria muito bem-vinda.

Dillabough: Sim, com certeza. Devemos organizar algo.

Bassi: Seria ótimo se esta entrevista fosse apenas o primeiro passo para ampliar nossa rede de relações em direção à América do Sul. Esse é um desejo importante do *Consortium*.

Dillabough: Sim, absolutamente.

Bassi: Sabe, no início pensamos em chamar a instituição de “*Arendt Center for Crisis and Political Transformation*”. Mas, ao final, decidimos chamá-la de *Consortium*. Se bem me lembro, a razão inicial foi burocrática; mas penso que, na verdade, esse é um nome melhor do que *center*. Pois *center* indica, obviamente, algo centralizado, fechado em si mesmo; *consortium* é um conceito melhor, mais arendtiano. Não sei se Arendt chegou a usar a palavra *consortium* em algum contexto — creio que não —, mas podemos dizer que esta palavra carrega um espírito arendtiano, na medida em que significa algo aberto. Portanto, desse ponto de vista, considero que, no fim das contas, foi algo positivo termos mudado o nome. E que termos escolhido *consortium* foi bom para manter abertas essas possibilidades, para fomentar e ampliar nossa pluralidade.

Dillabough: Acho que isto está corretíssimo! Inicialmente, foi uma questão burocrática e tivemos de pensar em outro nome. A Irit ficou contente com isso, porque, nas universidades, *centers* significam algo muito específico, atrelado a um conjunto de regras às quais não poderíamos realmente nos comprometer. Acho que, no fim, a ideia de algo transversal às faculdades e transnacional, da forma como o concebemos, significou que tínhamos mais liberdade. Isso não quer dizer que não precisemos fazer o trabalho de base para mobilizá-lo de forma mais significativa; mas, sim, o Daniele tem toda razão.

Dias: Então a pluralidade é teoricamente importante para o *Consortium*, pois vocês são constitutivamente interdisciplinares; também é importante academicamente, por assim dizer, já que conectam diferentes centros e instituições; e eu diria que há ainda mais pluralidade em jogo, uma vez que estão indo além das instituições acadêmicas, dialogando com conselhos municipais para colaborações futuras.

Dillabough: Isso está, em grande medida, correto. Mas a grande questão é que desafiar os enquadramentos institucionalizados existentes é algo bastante difícil. Porque são justamente eles os mais propensos a mobilizar os intelectuais que atuam nessas áreas. É mais difícil mobilizar para a interdisciplinaridade. Isso tem a ver, em parte, exatamente com o que disse antes: como se pode estar implicado se se perdeu o contato com o propósito político da instituição, em razão de tanta burocratização? E as pessoas estão tão sobrecarregadas que levá-las a pensar para além das fronteiras institucionais é complicado e difícil de articular, porque é preciso dispor de tempo. Mas, sim, você tem razão: esse é o objetivo.

Dias: Vamos agora falar sobre as direções de pesquisa, ou melhor, sobre os referenciais teóricos mais específicos do trabalho atual de vocês.

Dillabough: Se me permitem, gostaria de dizer que Daniele desempenha aqui um papel fundamental, pois mudou nossa abordagem ao estudo de Arendt. Antes de sua chegada, Zeina e eu lidávamos com Arendt em termos de sociologia dos intelectuais, mas com menor ênfase em história intelectual. Isso

agora mudou. Então, mesmo que não tenhamos avançado tanto quanto esperávamos, muitas das coisas que Daniele vinha fazendo estimularam nossa capacidade de avançar mais nessa direção. Isso não significa, claro, que não estejamos trabalhando em temas contemporâneos como exílio ou apatridia. Trata-se de algo contemporâneo, mas penso que ele realmente transformou o que precisamos fazer para chegar ao núcleo das missões intelectuais e políticas de Arendt e ao que elas nos dizem sobre nosso atual “campo de problemas” [*problem space*] e nossas dificuldades políticas.

Bassi: Antes de mais nada, muito obrigado pelo papel que você me atribui. Creio que a história intelectual é o primeiro passo necessário para a construção de um arcabouço teórico. A partir daí, podemos avançar em uma direção mais interdisciplinar. A tarefa inicial é situar a teoria em seu contexto histórico e prático. Eu acrescentaria que é importante abordar a história — mesmo a história cultural — sob uma perspectiva materialista, marxista. Ao mesmo tempo, penso que é essencial ler a história intelectual a partir de uma perspectiva propriamente arendtiana, e foi exatamente isso que buscamos fazer — mais recentemente, durante o *workshop* sobre exílio e apatridia.

Por exemplo, temos trabalhado — e ainda estamos trabalhando — no que chamamos de “política judaica” de Arendt, e, em particular, sobre a relação entre Arendt e Judah Magnes. Nesse projeto, nossas principais fontes são arquivísticas: a correspondência inédita entre Arendt e Magnes. Este é um exemplo concreto de como praticar a história intelectual. Embora essa correspondência nos permita extrair importantes contribuições teóricas — como o princípio federativo ou outras categorias políticas centrais —, a primeira tarefa é situar tais contribuições historicamente. Uma coisa é perguntar o que o federalismo significa em geral, mas a questão mais premente e frutífera é: o que Arendt queria dizer com federalismo *naquele momento, naquele debate,* *naquele* *correspondência?*

Esse tipo de pergunta abre a possibilidade de trabalhar com conceitos arendtianos — como pluralidade ou ação — *dentro* da história. Não em um sentido geral ou abstrato, não na longa história da ideia federalista, mas no interior daquele debate histórico particular. Claro, é sempre necessário manter em vista o quadro histórico e teórico mais amplo, mas não podemos perder de vista o momento e o contexto específicos que estamos analisando.

Isso não é fácil de fazer. Vindo eu mesmo de uma formação muito teórica, sei como é forte a tentação de derivar para a pura teoria. Esse não é um grande problema para você, Jo, dado seu percurso sociológico, mas, para nós que fomos formados em filosofia, é muitas vezes difícil resistir. A teoria é sedutora, mas também pode ser perigosa. Por isso, como sabemos, Arendt se recusava a se descrever como filósofa; ela insistia em ser chamada de pensadora política. Essa distinção é importante, e vale a pena prestar atenção a ela: devemos evitar nos deixar encantar pela teoria em si mesma.

Dillabough: Eu gostaria de acrescentar que isso provavelmente funciona também no sentido inverso. Por exemplo, o campo da Educação é uma criatura estranha enquanto disciplina, porque nele você pode encontrar muitas pessoas como eu, que realizei estudos críticos sobre a universidade e os intelectuais, mas também estudos sociológicos sobre jovens vivendo no exílio, nas margens da sociedade – ou melhor, de algo do qual deveriam ser cidadãos. Eles já deveriam ter “o direito a ter direitos”, mas, evidentemente, vivem nesses espaços e lugares sem possuir tais direitos. Pois bem, penso que, em princípio, Arendt pode estar por trás de tudo isso, em algum nível.

A questão com os campos disciplinares, entretanto, é que eles acabam sendo orientados de modo a tornar certos conceitos dominantes. Só que ambos os lados são necessários. Não se pode realizar o trabalho de articular Arendt com pensadores contemporâneos se não se conhece a história intelectual, e mesmo algumas das ideias filosóficas que estão por trás dela. Elas são necessárias para construir uma compreensão mais robusta tanto do passado quanto do futuro. E, por isso, penso que essa forma de articulação é realmente importante.

O problema é que algumas disciplinas são vistas mais como profissões — e frequentemente é isso que acontece com a Educação —, mas elas não se reduzem a isso. E há quem sustente que a dinâmica da energia de pesquisa deva ser também orientada nessa direção. Isso, porém, pode enfraquecer e tornar menos consistente uma grande parte da produção de pesquisa.

Era isso, em parte, o que eu queria dizer antes. Precisamos de todo tipo de pensadores para que possamos articular aquilo que Arendt chamou de “presente global”. Eu mostrei essa referência de Arendt a Daniele quando estávamos em um retiro em Verona — ah, acabo de me lembrar de uma atividade que realizamos: tivemos um retiro em Verona com alguns estudantes. Mostrei a ele um documento de arquivo — que ainda preciso organizar devidamente para poder enviar a Daniele — em que Arendt diz duas coisas. A primeira é sobre outra “revolução conservadora”, que expressava sua preocupação com o que estava acontecendo na Palestina no pós-guerra; e a segunda é o que ela chamou de “presente global”. Esses conceitos emergiram em Arendt sem que necessariamente ela se visse ancorada em uma disciplina particular. Somos pensadores políticos, mas sabemos que precisamos de toda sorte de pessoas para pensar conosco. Assim, quando pensamos na direção da reflexão, ter esse lastro da história intelectual nos dá a possibilidade não apenas de tomar Arendt como dada, mas de mobilizar suas forças e, ao mesmo tempo, construir o futuro dela como pensadora junto a outros pensadores. Refiro-me ao futuro de Arendt como alguém que criou um arquivo crítico que pode ser mobilizado em toda a sua complexidade e navegado em relação a essas transformações globais e experimentações políticas pelas quais estamos passando.

Dias: Para concluir, gostariam de deixar uma mensagem aos estudiosos sul-americanos de Arendt — e não apenas aos arendtianos, mas também àqueles engajados em trabalhos críticos?

Dillabough: Gostaríamos de agradecer a você, Thiago, pelo interesse e pelo tempo que dedicou a nós aqui. Espero que nossos colegas sul-americanos achem interessante o que estamos fazendo e considerem ajudar-nos a ampliar este *Consórcio* plural. Os desafios que enfrentamos são globais, e, portanto, também devem ser globais as nossas respostas.

Bassi: Sem dúvida. Sigamos fortalecendo essas relações — não apenas intelectualmente, mas também política e humanamente. É isso que Arendt teria desejado.